



GT 045. Moralidades, afetos e políticas: sobre e das relações de gênero entre indígenas

Patricia Carvalho Rosa (Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá) - Coordenador/a, Elizabeth de Paula Pissolato (Universidade Federal de Juiz de Fora) - Coordenador/a, Diógenes Egidio Cariaga (PPGAS/UFSC) - Debatedor/a, Suzana Cavalheiro de Jesus (Universidade Federal do Pampa) - Debatedor/a, Andréa Carvalho Mendes de Oliveira Castro (Universidade Federal do Paraná) - Debatedor/a

O GT pretende colocar em diálogo pesquisas que reflitam sobre os modos indígenas de elaboração e significação de suas noções de identidades de gênero e sexuais diante de suas existências híbridas quando observamos as escalas de mobilidades/trânsitos de referentes morais e éticos que passam a circular e constituir seus cotidianos. Estes referentes plurais têm conectado diferentes pontos de vista entre os coletivos ameríndios; nos modos como as narrativas sobre pessoa, corpo, parentesco não estão distantes de relações que envolvem distintos regimes de alteridade e relações de poder. Sob tais condições sempre plásticas e conjunturais de produzir gradientes relacionais, etnografias recentes conduzem nossos olhares às considerações dos fatores que contribuem para a heterogeneidade de experiências indígenas relativas às problemáticas de gênero que atravessam as estruturas simbólicas e práticas coletivas. Entre estes processos a afiliação religiosa, idade, escolarização, relações com o sistema de saúde, mobilidades e migração, gestão dos territórios, são fatores transversais que intersectam elementos culturais, históricos e políticos que cominam nas cosmopolíticas efeitos conceituais, de tradução, manejo das diferenças e experimentações de vivências diferenciadas. Esperamos reunir pesquisas que reflitam sobre os (re)posicionamentos dos entendimentos indígenas sobre os domínios, relações e agenciamentos masculinos e femininos e como estes vem vivenciando e significando estes processos.

Notas etnográficas sobre algumas demarcações de gênero entre os Yanomami: um estudo sobre a associação de Mulheres Kumiräyöma

Autoria: Maryelle Inacia Morais Ferreira

A análise que trago neste resumo é resultado da pesquisa realizada durante o mestrado com a Associação de Mulheres Yanomami Kumiräyöma. A associação foi criada em 2015 no contexto interétnico da política indígena Yanomami da região Maturacá, São Gabriel da Cachoeira Estado do Amazonas. É possível notar como mulheres e homens Yanomami demarcam suas diferenças de gênero através de duas associações indígenas que configuram a política indígena da região. A AMIK representa um elemento de reconfiguração do espaço das mulheres, valorizando-as na articulação política. Uma vez que a associação é fruto do contato interétnico, ela proporciona uma valorização, articulando o contexto cultural das aldeias Yanonami com o contexto mercadológico da sociedade nacional. Durante a pesquisa de campo foi possível perceber que havia uma demarcação de diferenças entre as duas associações, a AMIK das mulheres e a AYRCA. Pude entender, então, tratava-se de um reflexo da maneira como se configura as relações de gênero entre os Yanonami, que não são oposições entre agências masculinas e femininas, mas sim estratégias de diferenciação, reflexo da maneira como homens e mulheres agenciam seus posicionamentos de forma ritualística e social. Os papéis de gênero não são excludentes, definidos a princípio por si só, por exemplo, mas sim configuram as diferenças que devem existir entre eles durante o próprio processo da relação. Não seria, pois, uma questão



de posicionamentos antagônicos entre mulheres e homens disputando um mesmo espaço político indígena e indigenista, nem mesmo o caso de oposição entre AMYK e AYRCA, lutando cada uma por sua visibilidade. As críticas de ambos os lados têm muito mais a ver com maneira pela qual as relações entre mulheres e homens são tecidas no cotidiano e, principalmente, em suas posições durante eventos coletivos considerados tradicionais, como a cerimônia fúnebre. É considerável que haja um caráter de igualdade entre os dois gêneros mesmo que em situações disputa, os domínios masculinos e femininos não se excluem, apenas há uma preponderância de uns ou outros determinados agentes/as. Contudo, dizer que o posicionamento assumido pelas mulheres Yanonami na associação é complementar à atuação masculina exercida na AYRCA seria apagar os anseios femininos de construir uma política que se diferencie daquela que vem sendo feita pela AYRCA. O espaço político não é necessariamente masculino e, segundo, as mulheres possuem anseios próprios na construção de suas políticas e, portanto, se não fosse levado em consideração estes dois pontos seria ignorar os esforços das mulheres Yanonami em afirmar um campo consolidado de posicionamentos das reivindicações femininas.



Realização:



Apoio:



Organização:

